

A TORRE DA ANDORINHA

Andrzej Sapkowski

Tradução do polonês
OLGA BAGIŃSKA-SHINZATO



wmf **martinsfontes**

SÃO PAULO 2016

Numa noite negra como a mortalha, a Dun Dâre chegaram; era lá que a jovem bruxa se escondia.

De todos os lados a vila cercaram, pois ela fugir pretendia.

Numa noite negra como a mortalha, por engodo queriam pegá-la, mas isso não conseguiam.

Antes de o sol pálido nascer, sobre a estrada de terra gelada, trinta cadáveres jaziam.

Canto dos andarilhos sobre
a horrenda carnificina que
se passou na noite de
Saovine em Dun Dâre

CAPÍTULO PRIMEIRO

— Posso lhe dar tudo o que desejar — disse a feiticeira. — Riqueza, poder e cetro, fama, vida longa e feliz. Escolha.

— Não quero riqueza nem fama, tampouco poder e cetro — respondeu a bruxa. — Quero um cavalo negro, veloz como o vento noturno. Quero uma espada afiada, luminosa como um raio da lua. Quero atravessar o mundo pela noite escura no cavalo negro e estraçalhar as forças do Mal e da Escuridão com a espada luminosa. É o que eu quero.

— Eu lhe darei um cavalo que será mais veloz que o vento noturno — prometeu a feiticeira. — Eu lhe darei uma espada que será mais luminosa que um raio da lua. No entanto, esse não é um pedido qualquer, bruxa, e por isso lhe custará caro.

— Mas com que pagarei? Não tenho nada.

— Pagará com seu sangue.

Flourens Delannoy, *Contos e lendas*

Como todos sabem, o Universo, à semelhança da vida, é regido pelo movimento circular. Trata-se de uma roda em cujo anel há oito pontos mágicos, que, completando uma volta, resultam no ciclo anual. Esses pontos estão posicionados com exatidão aos pares, um de frente para o outro. Quatro deles são: Imbaelk, ou Germinação; Lammas, ou Maturação; Belleteyn, ou Florescimento; e Saovine, ou Estiolamento. Os outros representam dois solstícios — o de inverno, chamado Midinvaerne, e o de verão, Midaëte e dois equinócios — Birke, de primavera, e Velen, de outono. A roda, portanto, é dividida em oito partes, e é assim que se divide o ano no calendário élfico.

Os humanos que desembarcaram nas praias próximas da foz do Jaruga e da do Pontar trouxeram o próprio calendário, baseado no

movimento lunar, que divide o ano em doze meses, formando o ciclo do trabalho agrícola – desde as primeiras tarefas realizadas em janeiro até o momento em que o frio transforma a terra num torrão duro. E, embora os humanos dividissem o ano e contassem o tempo de maneira distinta, aceitaram a roda élfica e os oito pontos em seu anel. Imbaelk e Lammas, Saovine e Belleteyn, os dois solstícios e os dois equinócios emprestados do calendário élfico tornaram-se importantes datas festivas, destacando-se das outras da mesma forma que uma árvore solitária no prado.

O que distingue essas oito datas é a magia. Nunca foi nem é mistério que elas constituem dias e noites durante os quais se intensifica a aura mágica. Ninguém estranha os fenômenos mágicos ou as manifestações misteriosas que as acompanham, particularmente os equinócios e os solstícios. Todos já se acostumaram a fenômenos desse tipo e, portanto, é raro que provoquem espaventos.

No entanto, esse ano foi diferente.

Esse ano os humanos, como sempre, celebravam o equinócio de outono no seio da família com uma solene ceia, na qual convinha haver o maior número de produtos da safra do ano, pelo menos uma pequena quantidade de cada um deles. Assim exigia o costume. Depois de consumirem a ceia e agradecerem a colheita à deusa Melitele, eles se recolheram. Foi então que começaram as manifestações macabras.

Pouco antes da meia-noite, levantou-se uma horrível tempestade. Terríveis lufadas de vento dispersavam sons de assombrados uivos, gritos e ganidos por entre o ciclo das árvores inclinadas quase até o chão, o ranger dos caibros e o estampido das venezianas. As nuvens, arrastando-se velozmente no céu, tomavam formas fantásticas, sobretudo as de cavalos e unicórnios em disparada. A ventania durou mais de uma hora, e, no repentino silêncio que a seguiu, a noite ressuscitou com a agitação das asas e o trilo de centenas de noitibós – aves misteriosas que, de acordo com as crendices populares, agrupavam-se para cantar uma ladainha demoníaca sobre um moribundo. Dessa vez o coro dos noitibós foi tão grande e tão alto que parecia que o mundo todo ia desabar.

Enquanto os noitibós cantavam a ladainha fúnebre com vozes bravias, o horizonte cobria-se de nuvens, apagando os últimos raios da lua. Foi então que a horrenda beann'shie ganiu, anunciando a morte repentina e brusca de alguém, e a Caçada Selvagem atravessou o céu negro a galope. Era o cortejo de espectros de olhos flamejantes montados sobre carcaças de cavalos, com suas capas e estandartes esfarrapados e farfalhantes. Como acontecia de tempos em tempos, a Caçada Selvagem colheu sua safra, mas a dessa vez foi a mais horrenda em décadas – só em Novigrad o número de desaparecidos sem deixar rastros chegou a mais de vinte.

Depois da passagem galopante da Caçada Selvagem, as nuvens se alastraram e os humanos viram a lua minguante, comum na época do equinócio. Essa noite, porém, a lua tinha a cor de sangue.

A plebe dava várias explicações para os fenômenos equinociais, que variavam bastante, de acordo com as peculiaridades das demonologias regionais. Os astrólogos, druidas e feiticeiros também tinham suas interpretações, erradas e exageradas em sua grande maioria. Pouquíssimas pessoas capazes de relacionar esses fenômenos com os fatos reais. Nas ilhas de Skellige, por exemplo, algumas, exageradamente supersticiosas, viam nos estranhos eventos a previsão de Tedd Deireádh, o Tempo do Fim, antecipado pela batalha de Ragnar Roog, a luta final entre a Luz e as Trevas. Segundo elas, a violenta tempestade no mar que chacoalhou as ilhas na noite do Equinócio outonal havia resultado de uma onda provocada pela proa do monstruoso dracar Naglfar, de Morhög, que tinha os bordos feitos das unhas de cadáveres e que transportava um exército de espectros e demônios do Caos. No entanto, os humanos um pouco mais sábios ou mais bem informados relacionavam os desvarios dos céus e do mar com a pessoa da malvada feiticeira Yennefer e sua morte horrível. Outros, ainda, muito mais bem informados, viam no mar agitado o sinal de que morria alguém em cujas veias corria o sangue dos reis de Skellige e Cintra.

Ao redor do mundo, a noite do Equinócio outonal era a das assombrações, pesadelos e alucinações, do despertar repentino, sufocante, o coração palpitando de pavor, entre lençóis revoltos e encharcados de suor. Nem os mais ilustres eram poupados das

alucinações e do despertar. Em Nilfgaard, na Cidade das Torres Douradas, o próprio imperador Emhyr var Emreis acordou aos gritos. No Norte, em Lan Exeter, o rei Esterad Thyssen saltou da cama, despertando sua esposa, a rainha Zuleyka. Em Tretogor, o arquiépiscopo Dijkstra levantou-se subitamente e estendeu a mão para pegar o punhal, acordando a mulher do ministro do Tesouro. No castelo de Montecalvo, a feiticeira Filippa Eilhart agitou-se entre os lençóis de damasco sem despertar a esposa do conde de Noailles. Acordaram, mais ou menos repentinamente, o anão Yarpen Zigrin em Mahakam, o velho bruxo Vesemir na fortaleza montanhosa de Kaer Morhen, o funcionário de banco Fábio Sachs na cidade de Gors Velen, o duque Crach an Craite a bordo do dracar Ringhorn. Acordaram a feiticeira Fringilla Vigo no castelo de Beauclair e a sacerdotisa Sigrdrifa no templo da deusa Freya na ilha de Hindarsfjall. Acordaram Daniel Etcheverry, conde de Garramone, na sitiada fortaleza de Maribor, Zyvik, decurião do Destacamento Pardo, no forte de Ban Gleán, o mercador Dominik Bombastus Houvenaghel na cidade de Claremont e muitos, muitos mais.

No entanto, pouquíssimas pessoas eram capazes de relacionar esses fenômenos e ocorrências com um fato concreto, específico, com uma pessoa específica. Por acaso, três dessas pessoas passavam a noite do Equinócio outonal sob o mesmo teto, no templo da deusa Melitele em Ellander.

– Noitibós... – gemeu o escriba Jarre, fitando a escuridão que cobria o parque do templo. – Parece que há milhares deles, revoadas inteiras... Estão gritando, anunciando a morte de alguém... A morte dela... Ela está morrendo...

– Não fale besteiras! – Triss Merigold virou-se subitamente e ergueu o punho fechado, por um momento parecendo que ia empurrar o rapaz ou atingi-lo no peito. – Você acredita em superstições bobas? Setembro está chegando ao fim, e os noitibós agrupam-se em bandos antes de partir! Isso é natural!

– Ela está morrendo...

– Ninguém está morrendo! – gritou a feiticeira, empalidecendo de raiva. – Ninguém, entendeu? Pare de dizer tolices!

No corredor da biblioteca, juntavam-se cada vez mais noviças, acordadas pelo alarme noturno. Estavam sérias e pálidas.

– Jarre – Triss, mais calma, colocou a mão no ombro do rapaz e apertou com força –, você é o único homem no templo. Todas nós estamos olhando para você, em busca de paz e apoio. Não pode sentir medo, não pode se desesperar. Contenha-se. Não nos decepcione.

Jarre respirou fundo, tentando controlar o tremor das mãos e dos lábios.

– Não é medo... – sussurrou, evitando o olhar da feiticeira. – Não estou com medo, apenas preocupado! Preocupado com ela! Eu vi no sonho...

– Também vi. – Triss cerrou os lábios. – Tivemos o mesmo sonho, você, eu e Nenneke. Mas nem uma palavra sequer sobre isso.

– Sangue no rosto dela... Tanto sangue...

– Pedi que você se calasse. Nenneke está vindo.

A arquissacerdotisa aproximou-se deles. Seu rosto apresentava traços de cansaço. Respondeu a uma pergunta muda de Triss com um gesto negativo da cabeça. Quando notou a boca de Jarre se abrindo, antecipou-se:

– Infelizmente, nada. Quando a Caçada Selvagem sobrevoava o templo, quase todas acordaram, mas nenhuma teve visões, muito menos uma tão nebulosa quanto a nossa. Vá dormir, rapaz. Não há o que fazer. Meninas, ao dormitório, por favor! – Esfregou as duas mãos no rosto e nos olhos.

– Ah... Equinócio! Maldita noite... Vá deitar, Triss. Não há nada que possamos fazer.

– Essa impotência – a feiticeira fechou o punho – está me deixando louca. Só de pensar que ela possa estar em algum lugar sofrendo, sangrando, que corre o risco de... Droga, se eu soubesse o que fazer!

Nenneke, a arquissacerdotisa do templo de Melitele, virou-se.

– Você tentou rezar?

No Sul, além dos Montes Amell, em Ebbing, na terra chamada Pereplut, no extenso pantanal cortado pelos rios Velda, Lete e Arete, afastado da cidade de Ellander e do templo de Melitele por oitocentas milhas de voo de gralha, de madrugada, um pesadelo despertou bruscamente Vysogota. Acordado, o velho eremita não conseguia, por mais que tentasse, lembrar o teor do sonho, mas uma estranha ansiedade não o deixava cair no sono de novo.

– Frio, frio, frio... brrr – dizia a si mesmo Vysogota, andando pela trilha no meio do caniçal. – Frio, frio... brrrr.

Mais uma armadilha estava vazia. Nem um único rato-almiscarado. Uma caçada excepcionalmente malsucedida. O eremita limpou a ratoeira do lodo e da lemna, murmurando palavrões e fungando por causa do resfriado.

– Frio... brrr... u-ha... – falava, andando rumo à extremidade do pântano. – E quem diria que ainda é setembro! Apenas quatro dias após o equinócio! Ah, não me lembro de ter passado na vida tanto frio no fim de setembro. E olhe que sou bem velho!

A armadilha seguinte, a penúltima, também estava vazia. Vysogota já nem tinha vontade de xingar.

– Infelizmente – monologava, enquanto caminhava –, parece que o clima está cada ano mais frio. E agora, pelo visto, o esfriamento vai acelerar drasticamente. Ah, os elfos previram isso há muito tempo, mas quem é que acredita em suas profecias?

Outra vez asas rumorejaram acima da cabeça do ancião. Vultos cinzentos atravessaram o céu num lampejo. A névoa que cobria o pantanal foi tomada novamente pelo trilo selvagem, cortado, dos noitibós e pela agitação rápida de suas asas. Vysogota não prestava atenção aos pássaros. Não era supersticioso e sempre havia muitos noitibós no pantanal. Juntavam-se, sobretudo de madrugada, em revoadas tão grandes que temia que fossem se chocar contra sua cabeça. Talvez nem sempre houvesse tantos como nesse dia, talvez nem sempre gritassem de maneira tão horripilante... Não havia o que fazer; ultimamente a natureza vinha surpreendendo com sucessivos fenômenos fora do comum, uma bizarrice mais estranha do que a outra.

O eremita tirava da água a última armadilha vazia quando ouviu um cavalo relinchando. Os noitibós silenciaram de repente, como se obedecessem a um comando.

Entre os pântanos de Pereplut, havia ilhotas secas, sobre as quais cresciam bétulas pretas, amieiros, cornisos, sanguinhos e abrunheiros. A maioria delas estava de tal modo rodeada de tremedais que era absolutamente impossível a um cavalo ou um cavaleiro que não conhecesse as trilhas chegar ali. No entanto, o relincho, que novamente chegou aos ouvidos de Vysogota, vinha de uma dessas ilhotas.

A curiosidade venceu a cautela.

O ancião tinha pouco conhecimento sobre cavalos e suas raças, mas era esteta; sabia, portanto, reconhecer e apreciar a beleza. E o cavalo negro de pelugem que brilhava como antracito que ele viu ao fundo dos troncos de bétulas era extraordinariamente belo. Constituía a essência da beleza. Era tão belo que parecia irreal.

Contudo, era real. E também era real que caíra numa armadilha, com as rédeas e a cabeçada presas entre os galhos carmesins de sanguinho que o agarravam. Quando Vysogota se aproximou, o cavalo empinou as orelhas, bateu os cascos de tal modo que a terra tremeu, sacudiu a cabeça fina e virou-se. Agora o velho eremita podia ver que era uma égua. Então percebeu mais uma coisa, algo que fez com que seu coração começasse a bater feito louco e as garras invisíveis de adrenalina lhe prendessem a garganta.

Atrás do animal, numa cova formada por uma árvore derrubada, jazia um cadáver.

Vysogota jogou o saco no chão e se envergonhou com a primeira ideia que lhe surgiu: dar meia-volta e fugir. Aproximou-se com cautela, pois a égua negra pateava o chão, encolhia as orelhas e punha os dentes à mostra no freio, só esperando a oportunidade de mordê-lo ou lhe dar um coice.

O cadáver era de um adolescente. Estava de bruços, com um braço preso sob o peso do corpo, o outro estendido para o lado, com os dedos encravados na terra. Usava gibão de camurça, calça de couro justa e botas élficas de cano alto com fivelas.

Vysogota inclinou-se, e nesse momento o cadáver gemeu em voz alta. A égua negra relinchou demoradamente e bateu os cascos com força.

O ancião ajoelhou-se e virou o ferido com cuidado. Ao ver a máscara horrível formada por sujeira e sangue coagulado em seu rosto, instintivamente jogou a cabeça para trás e sibilou. Retirou com delicadeza o musgo, as folhas e a areia dos lábios cobertos de muco e saliva e tentou arrancar da bochecha o emaranhado de cabelo colado pelo sangue. O ferido gemeu baixinho, retesou o corpo e começou a tremer. Vysogota conseguiu descolar os fios de cabelo do rosto.

– É uma garota – disse em voz alta, não conseguindo acreditar no que tinha diante dos olhos. – É uma garota.

Se naquele dia, depois do anoitecer, alguém conseguisse aproximar-se sorrateiramente da choupana perdida no meio do pantanal, com o telhado de palha afundado coberto de musgo, e espreitasse pelas venezianas, veria, no interior mal iluminado por lamparinas a óleo, uma garota com a cabeça enfaixada com uma grossa camada de ataduras, deitada imóvel num leito forrado de peles feito uma moribunda ou um cadáver. Distinguiria também um ancião de barba branca cuneiforme e longos cabelos brancos que caíam sobre os ombros e as costas a partir do limiar de uma extensa calva, que alongava a testa enrugada até bem depois da abóbada craniana. Notaria o ancião acender mais uma lamparina, colocar uma ampulheta sobre a mesa, afiar a pena, debruçar-se sobre uma folha de pergaminho. E o observaria, por fim, ficar pensativo e dizer algo a si mesmo, concentrado, sem tirar os olhos da garota deitada no leito.

No entanto, isso não era possível. Ninguém poderia vê-los. A choupana do eremita Vysogota ficava bem escondida entre os pântanos, num ermo eternamente enevoadado, onde ninguém se atrevia a adentrar.

– Vamos anotar – o velho eremita mergulhou a pena no tinteiro – o que se passa. É a terceira hora após o tratamento. Diagnóstico: *vulnus incisivum*, ferida incisa, causada com grande impacto por uma afiada

ferramenta desconhecida, provavelmente de gume enviesado. Cobriu o lado esquerdo do rosto; começa na região temporal, passa pela bochecha e termina na região mandibular. A parte inicial da ferida, abaixo da arcada orbitária, no osso zigomático, é a mais funda, chegando ao periosteio. Tempo aproximado que se passou desde a execução do ferimento até o primeiro tratamento: dez horas.

A pena arranhou o pergaminho, emitindo um chiado que não durou mais que alguns segundos. Só mais algumas linhas. Vysogota achava que não era necessário anotar tudo o que dizia a si mesmo.

– Voltando ao tratamento – retomou o ancião depois de um instante, fixando o olhar na vacilante e fumegante chama da lamparina –, vamos registrar o que se passa. Não secionei as bordas da ferida; limitei-me a retirar alguns corpos estranhos que impediam a circulação de sangue e, obviamente, a coagulação. Lavei a ferida com extrato de casca de salgueiro e a suturei com cânhamo. Que fique registrado que não disponibilizava de outro tipo de linha. Apliquei compressa de arnica-silvestre e fiz um curativo com bandagem de musselina.

Um rato correu para o meio do cômodo. Vysogota jogou-lhe um pedaço de pão. A garota no leito respirava de maneira agitada, gemia sonhando.

– Oitava hora após o tratamento. Estado da paciente: sem alterações. Estado do médico, ou seja, meu: melhor, pois consegui dormir um pouco... Posso seguir com as anotações. Afinal, vale registrar nestas folhas algumas informações sobre minha paciente. Para as futuras gerações. Caso um de seus representantes chegue a este pantanal antes que tudo aqui apodreça e se transforme em pó.

Vysogota respirou pesadamente, molhou a pena e limpou-a na borda do tinteiro.

– No que se refere à paciente – murmurou –, que seja registrado o seguinte: tem, ao que parece, uns dezesseis anos, é alta, esbelta, mas não exageradamente magra, e não apresenta indícios de subnutrição. A musculatura e a constituição física são típicas de uma jovem elfa, porém não se detecta nenhuma característica de mestiça... nem de

quarterona. Uma pequena porcentagem de sangue élfico pode, como se sabe, não deixar traços.

Só então Vysogota percebeu que não anotara na folha de pergaminho nenhuma runa, nenhuma palavra. Apoiou a pena no papel, mas a tinta havia secado. O ancião não se deu conta disso e retomou:

– Que seja registrado também o seguinte: que a garota nunca deu à luz. E também que não possui no corpo nenhum tipo de marca antiga, cicatriz, cesura, nenhum sinal deixado pelo trabalho duro, acidentes, vida arriscada. Sublinho: falo de marcas antigas. Não faltam marcas recentes em seu corpo. Ela foi agredida. Chicoteada, com certeza não pela mão paterna. É provável que tenha sido chutada também. Achei, inclusive, uma marca bastante estranha em seu corpo... Hummm... Vamos anotá-la, para o bem da ciência. Na virilha, junto do monte púbico, a garota tem uma tatuagem de rosa vermelha.

Vysogota examinou, concentrado, a ponta afiada da pena e logo em seguida molhou-a no tinteiro. Dessa vez, no entanto, não esqueceu com que fim o fizera: rapidamente começou a encher a folha de pergaminho com linhas retas de caligrafia inclinada. Escrevia até que a pena secasse.

– Semiconsciente, falava e gritava – continuou. – Seu sotaque e a maneira de se expressar, sem considerar a abundância de termos de um obscuro jargão de criminosos, são bastante confusos, difíceis de identificar, mas arriscaria dizer que são mais do Norte que do Sul. Algumas palavras...

Novamente a pena arranhou o pergaminho, mas por pouco tempo, o suficiente para que ele anotasse tudo o que dissera havia pouco. Logo em seguida, porém, retomou o monólogo, exatamente no ponto em que o interrompera:

– Algumas palavras, nomes próprios e de localidades balbuciados pela garota em delírio devem ser lembrados. E pesquisados. Tudo indica que uma pessoa muito, muito incomum encontrou o caminho até a choupana do velho Vysogota...

Ficou em silêncio por um momento, ouvindo.

– Tomara que a choupana do velho Vysogota não se torne o ponto final de seu caminho – murmurou.

O ancião debruçou-se sobre o pergaminho e até apoiou a pena nele, mas não anotou nada, nenhuma runa. Jogou a pena sobre a mesa. Ficou bufando por um momento, murmurando raivosamente, fungando. Olhava para o leito, prestava atenção aos sons que vinham dali.

– É preciso admitir e registrar – disse com voz cansada – que ela está muito mal. Todos os meus esforços e cuidados talvez sejam insuficientes, e meu empenho, inútil. Minha apreensão se justifica. A ferida está infeccionada. A garota está com febre alta. Já foram detectados três dos quatro sintomas principais de uma infecção grave: rubor, calor e tumor, fáceis de constatar apenas por observação e apalpação. Quando o choque pós-tratamento passar, aparecerá o quarto sintoma: dor. Que seja anotado que há cerca de meio século não me dedico à prática da medicina e sinto que esses anos pesam sobre minha memória e a habilidade de meus dedos. Sei fazer pouco, menos ainda posso fazer. Não tenho recursos e medicamentos suficientes. Toda a esperança está nos mecanismos de defesa do jovem organismo...

– Décima segunda hora após o tratamento. De acordo com o que eu esperava, apareceu o quarto sintoma principal de uma infecção: dor. A paciente grita de dor, a febre e os calafrios aumentam. Não tenho nada, nenhum medicamento que possa lhe administrar. Disponho de uma pequena quantidade de elixir de estramônio, porém a garota está demasiado fraca para sobreviver a sua ação. Tenho, também, um pouco de acônito, mas ele a mataria instantaneamente.

– Décima quinta hora após o tratamento. Amanhece. A enferma está inconsciente. A febre sobe cada vez mais, os calafrios aumentam. Além disso, surgiram fortes contrações nos músculos da face. Se for tétano, a garota estará perdida. No entanto, esperemos que seja apenas o nervo facial... ou o trigêmeo... ou os dois... Nessa situação, ela ficará desfigurada... mas com vida...

Vysogota olhou para o pergaminho, em que não anotara nenhuma runa, nenhuma palavra.

– Se sobreviver à infecção – falou surdamente.

– Vigésima hora após o tratamento. A febre continua aumentando. Rubor, calor, tumor e dor estão chegando, ao que parece, a seu nível máximo. No entanto, a garota não tem chance de sobreviver, de chegar a esse estado. Anoto, então... Eu, Vysogota de Corvo, não acredito na existência dos deuses. Porém, se por acaso existirem, que cuidem dessa garota e me perdoem o que fiz... se o que fiz resultar em erro.

O ancião pôs a pena de lado, coçou as pálpebras inchadas, apertou os punhos nas têmporas.

– Administrei-lhe uma mistura de datura e acônito – murmurou. – As próximas horas serão decisivas.

Não dormia, apenas cochilava, quando foi acordado por uma batida e um estrondo, acompanhados de um gemido causado mais pela raiva do que pela dor.

Amanhecia lá fora, uma luz fraca atravessava as venezianas. A areia na ampulheta descera completamente havia muito tempo. Como sempre, Vysogota se esquecera de virá-la. O lume das lamparinas a óleo estava enfraquecendo, a brasa cor de rubi do fogareiro mal iluminava o canto do cômodo. O ancião levantou-se e afastou o improvisado biombo feito de mantas com o qual separara o leito do resto da sala para que a paciente tivesse tranquilidade.

Ela já havia conseguido se levantar do chão, no qual caíra pouco antes. Estava sentada, encolhida na beira do leito, tentando coçar o rosto embaixo da bandagem. Vysogota pigarreou.

– Eu lhe pedi que não se levantasse. Você está muito fraca. Se precisar de alguma coisa, é só me chamar. Estou sempre por perto.

– Justamente o que não quero é que você esteja por perto – disse ela em voz baixa, mas explicitamente. – Quero fazer xixi.

Quando o ancião voltou para pegar o penico, a garota estava no leito, deitada de costas, apalpando o curativo preso à bochecha com as

ataduras que lhe enfaixavam a testa e o pescoço. Ao retornar após um momento, ele a encontrou na mesma posição.

– Quatro dias? – perguntou ela, olhando para o teto de madeira.

– Cinco. Passaram-se quase vinte e quatro horas desde nossa última conversa. Você dormiu esse tempo todo. É bom. Precisa descansar.

– Estou me sentindo melhor.

– Fico feliz em ouvir isso. Vamos tirar o curativo. Vou ajudá-la a se sentar. Segure minha mão.

A ferida cicatrizava bem e estava seca. Dessa vez, Vysogota quase conseguiu tirar a bandagem sem causar dor e sem arrancar a crosta. A garota passou os dedos na bochecha com cuidado. Franziu o cenho, mas o ancião sabia que o gesto não fora provocado apenas pela dor. Cada vez mais ela se dava conta da dimensão da ferida, da seriedade da lesão. Percebia, horrorizada, que o que sentia ao toque não era apenas um pesadelo provocado pela febre.

– Você tem um espelho?

– Não tenho – mentiu ele.

A garota olhou para Vysogota, provavelmente pela primeira vez com total consciência.

– Isso significa que está muito mal? – perguntou, tocando levemente a sutura.

– É um ferimento extenso – balbuciou ele, com raiva de si mesmo pelo fato de estar se justificando diante de uma pirralha. – Seu rosto ainda está muito inchado. Daqui a alguns dias tirarei os pontos. Enquanto isso, vou fazer compressas de arnica e extrato de salgueiro. Não vou mais enfaixar toda a cabeça. Está cicatrizando bem. Realmente bem.

Ela ficou calada. Abria os lábios e mexia a mandíbula, franzia e retorcia a face, verificando o que a ferida lhe permitia ou não fazer.

– Preparei canja de pombo. Você vai comer?

– Vou. Mas desta vez vou tentar sozinha. É humilhante comer feito paralítica.

Demorou para comer. Levava a colher de madeira até a boca com cuidado e com esforço tão grande como se pesasse duas libras, não

precisando da ajuda de Vysogota, que a observava atentamente. O ancião ardia de curiosidade. Sabia que, quando a garota estivesse melhor, haveria uma troca de ideias que poderia esclarecer esse assunto misterioso. Sabia disso e esperava por esse momento com ansiedade. Por muito tempo havia vivido sozinho no ermo.

Quando a garota acabou de comer, jogou-se sobre o travesseiro. Ficou parada por um momento, olhando para o teto, e então virou a cabeça. Vysogota constatou pela enésima vez que seus enormes olhos verdes davam a seu rosto um ar inocente e infantil, contrastando agora, de maneira gritante, com a bochecha horripelantemente mutilada. Ele conhecia esse tipo de beleza, uma eterna criança de olhos enormes com uma fisionomia que instintivamente despertava simpatia. Uma eterna menina, mesmo depois que o vigésimo ou até o trigésimo aniversário tivessem passado sem deixar lembranças. Sim, Vysogota conhecia bem esse tipo de beleza. Sua segunda mulher era assim; sua filha também.

– Preciso fugir daqui – disse a garota de repente. – E com urgência. Estou sendo perseguida. Você sabe disso.

– Eu sei. – Ele acenou com a cabeça. – Essas foram suas primeiras palavras, que, apesar das aparências, não eram delirantes. Para ser preciso, foram quase as primeiras palavras. Primeiro, você perguntou por sua montaria e por sua espada, nessa ordem. Quando lhe assegurei que tanto a montaria como a espada estavam sob bons cuidados, você começou a desconfiar de que eu era cúmplice de um tal de Bonhart e que não estava cuidando de você, mas submetendo-a a torturas de lhe dar esperança. Quando, depois de muito esforço, consegui convencê-la de que estava errada, você se apresentou como Falka e me agradeceu o socorro.

– Que bom... – A garota virou a cabeça no travesseiro, como se quisesse evitar encará-lo. – Que bom que não esqueci de lhe agradecer. Eu me lembro disso como através de um véu de fumaça. Não consigo distinguir o que foi real e o que foi um sonho. Temia que não tivesse agradecido. Não me chamo Falka.

– Soube disso também, embora tenha sido por acaso. Você pronunciou seu nome quando estava com febre.

– Sou fugitiva – continuou ela, sem virar-se. – Desertora. É perigoso abrigar-me. É perigoso saber meu verdadeiro nome. Preciso montar o cavalo e fugir antes que me achem aqui...

– Há pouco – disse Vysogota suavemente – você tinha dificuldades para sentar-se no penico. Não a vejo montando um cavalo. Garanto-lhe que está segura aqui. Ninguém vai encontrá-la neste lugar.

– Com certeza estão atrás de mim. Estão seguindo as pistas, vasculhando as redondezas...

– Acalme-se. Chove todos os dias, ninguém vai achar os rastros. Você está num lugar ermo, na casa de um eremita que se isolou do mundo para que o mundo não pudesse encontrá-lo com facilidade. No entanto, se quiser, posso descobrir uma forma de você avisar seus próximos ou amigos.

– Você nem sabe quem eu sou...

– Você é uma moça ferida – interrompeu ele – fugindo de alguém que não hesita em ferir moças. Quer que eu avise alguém?

– Não há quem avisar – respondeu ela após um momento, e Vysogota percebeu uma mudança no tom da voz. – Meus amigos estão mortos. Todos foram assassinados.

Ele não comentou.

– Eu sou a morte – retomou a garota com a voz soando de maneira estranha. – Todos que entram em contato comigo morrem.

– Nem todos – negou o ancião, fitando-a atentamente. – Aquele Bonhart, cujo nome você gritava quando estava com febre, de quem você quer fugir agora, não morreu. O contato foi mais prejudicial para você do que para ele. Foi ele... que feriu seu rosto?

– Não. – Ela cerrou os lábios para abafar algo que poderia ser um gemido ou um xingamento. – Foi o Coruja que feriu meu rosto. Stefan Skellen. E Bonhart... Bonhart deixou um ferimento muito mais grave. Mais profundo. Também falei sobre isso quando estava com febre?

– Acalme-se. Você está fraca, deve evitar emoções fortes.

– Meu nome é Ciri.

– Vou lhe fazer uma compressa de arnica, Ciri.

– Espere... um momento. Me dê um espelho.

– Falei para você...

– Por favor!

Vysogota obedeceu, chegando à conclusão de que era o certo a fazer, que não deveria esperar mais. Trouxe até uma lamparina a óleo, para que ela pudesse ver melhor o que haviam feito com seu rosto.

– Pois é... – disse Ciri com voz trêmula. – Pois é... Exatamente como eu imaginava. Quase como eu pensava.

O ancião saiu, fechando atrás de si o improvisado biombo de mantas.

A garota tentou soluçar baixinho para que ele não ouvisse. Esforçou-se muito mesmo.

No dia seguinte, Vysogota tirou a metade dos pontos. Ciri apalpou a bochecha e sibilou como uma víbora, reclamando da forte dor de ouvido e de hiperestesia na região da mandíbula. Mesmo assim, levantou-se, vestiu-se e decidiu ir para fora. Vysogota não protestou. Acompanhou-a. Não precisava nem ajudá-la, nem lhe servir de apoio. Ela estava quase curada, muito mais forte do que se poderia suspeitar. Perdeu o equilíbrio apenas quando estava prestes a sair, mas apoiou-se no batente da porta.

– Que... – engasgou, ao inspirar o ar. – Que frio! Está tudo congelado! Já é inverno? Quanto tempo passei aqui? Algumas semanas?

– Exatamente seis dias. É o quinto dia de outubro. Parece que este mês vai fazer muito frio.

– Cinco de outubro? – Ciri franziu o cenho e gemeu de dor. – Como assim? Duas semanas...

– O quê? Duas semanas?

– Não importa. – Ela deu de ombros. – Talvez eu esteja enganada... Ou talvez não. Diga-me: o que fede tanto aqui?

– Peles. Caço ratos-almiscarados, castores, martas e lontras, curto peles. Até os eremitas têm de se sustentar com alguma ocupação.

– Onde está minha montaria?

– No estábulo.

Quando entraram, a égua negra os cumprimentou relinchando alto e a cabra de Vysogota a acompanhou com um berro em que ressoava a grande insatisfação causada pela necessidade de dividir o local com outro inquilino. Ciri abraçou seu animal pelo pescoço, deu-lhe uns tapinhas, acariciou-lhe a crina. A égua resfolegava e remexia a palha com o casco.

– Onde está minha sela? E o xairel? E o arreio?

– Aqui.

O ancião não protestava, não comentava, não opinava. Permanecia calado, apoiado num cajado. Não se mexeu quando ela arfou, tentando levantar a sela, tampouco quando ela perdeu o equilíbrio sob o peso e caiu vagarosamente no chão de barro coberto de palha, emitindo um gemido plangente. Não se aproximou, não a ajudou a se levantar. Observava atentamente.

– Bem... – falou ela, com os dentes cerrados, afastando a égua, que tentava enfiar o focinho atrás da gola de sua blusa. – Tudo está claro. Mas, droga, eu preciso fugir daqui! Simplesmente preciso!

– Para onde? – perguntou ele friamente.

Ciri apalpou a face, ainda sentada na palha ao lado da sela derrubada.

– Para o mais longe possível.

Vysogota acenou com a cabeça, como se a resposta fosse satisfatória e esclarecesse tudo, não deixando espaço para dúvidas. Ciri levantou-se com dificuldade. Nem tentou se abaixar para pegar a sela ou o arreio. Apenas verificou se na manjedoura havia feno e aveia para a égua e começou a limpar com um feixe de palha o lombo e os flancos do animal. O ancião esperou em silêncio, não por muito tempo. A garota cambaleou e se apoiou na pilastra que sustentava o teto, empalidecendo. Vysogota entregou-lhe seu cajado sem dizer uma palavra sequer.

– Não foi nada. Só...

– Só ficou tonta porque está doente e tem menos forças que um recém-nascido. Vamos voltar. Você tem de se deitar.

Ciri saiu novamente ao pôr do sol, depois de dormir por algumas horas. Vysogota, que retornava do rio, encontrou-a perto da cerca viva de amoreiras.

– Não se afaste muito da casa – repreendeu-a. – Primeiro, você está muito fraca...

– Estou me sentindo melhor.

– Segundo, é perigoso. Em volta há um pantanal enorme, um caniçal sem fim. Você não conhece as trilhas, pode se perder ou se afogar num charco.

– E você, claro – ela apontou para o saco que o ancião carregava –, conhece as trilhas e se desloca por elas, então o pantanal não é tão grande. Você curte peles para sobreviver. Kelpie, minha égua, tem aveia, porém não vejo nenhum campo aqui. Comemos galinha e grãos. E pão. Pão fresco, não seco. Você não conseguiria pão de um caçador. Portanto, há uma vila nas redondezas.

– Dedução perfeita – confirmou ele com calma. – Realmente recebo o provimento da vila mais próxima. É a mais próxima, embora não fique muito perto, e sim na margem do pantanal. Ali há um rio adjacente. Troco as peles pelos alimentos que trazem num barco. Pão, grãos, farinha, sal, queijo, de vez em quando um coelho ou uma galinha. E também notícias.

Como Ciri não fez perguntas, Vysogota continuou:

– Um bando de homens a cavalo passou duas vezes pelo povoado a sua procura. Na primeira, avisaram os camponeses que não a escondessem e ameaçaram a vila com fogo e espada caso você fosse capturada ali. Na segunda, prometeram uma recompensa por seu cadáver. Seus perseguidores estão convencidos de que você jaz morta na floresta, em algum barranco ou ravina.

– E não vão sossegar – murmurou ela – até acharem o corpo. Tenho consciência disso. Precisam de uma prova de minha morte. Não vão desistir sem ela. Vão vasculhar em todos os lugares. Finalmente chegarão até aqui...

– Estão muito determinados – observou o ancião. – Diria que muito mesmo...

Ciri cerrou os lábios.

– Não tenha medo. Partirei antes que eles me encontrem. Não vou expô-lo ao perigo... Não tenha medo.

– Por que pressupõe que estou com medo? – Ele deu de ombros. – Por que eu temeria algo? Ninguém vai conseguir rastreá-la até este lugar. No entanto, se você botar seu nariz para fora do caniçal, cairá diretamente nas mãos de seus perseguidores.

– Em outras palavras – ela empinou a cabeça presunçosamente –, tenho de ficar aqui. Foi isso o que quis dizer?

– Não a estou forçando a nada. Você pode partir quando quiser, ou melhor, quando conseguir. Mas pode também ficar em meu casebre e esperar. Os perseguidores desistirão um dia. Sempre desistem, mais cedo ou mais tarde. Sempre. acredite. Sei o que estou falando.

Quando Ciri o encarou, seus olhos verdes brilharam.

– De qualquer maneira – disse Vysogota rapidamente, dando de ombros e desviando o olhar –, faça o que quiser. Repito, não a estou forçando a nada.

– Acho que hoje não vou partir mesmo – suspirou ela. – Estou fraca... E daqui a pouco o sol vai se pôr... E não conheço as trilhas. Vamos para casa, então. Estou com frio.

– Você disse que estou aqui há seis dias. É verdade?

– E por que eu mentiria?

– Não se exalte. Estou tentando contar os dias... Fugi... Feriram-me... no dia do equinócio. Em vinte e três de setembro. Se preferir contar de acordo com o calendário élfico, no último dia de Lammas.

– É impossível.

– E por que eu mentiria? – gritou ela e gemeu, tocando o rosto.

Vysogota olhou para ela com calma.

– Não sei por que – disse friamente. – Eu já fui médico, Ciri, há muito tempo, mas ainda sei distinguir um ferimento causado há dez horas de um causado há quatro dias. Eu a encontrei em vinte e sete de setembro. Então você foi ferida no dia vinte e seis, no terceiro dia de Velen, se preferir contar de acordo com o calendário élfico. Três dias após o equinócio.

- Eu fui ferida exatamente no dia do equinócio.
- É impossível, Ciri. Você deve ter confundido as datas.
- De jeito nenhum. Você é que usa um calendário eremítico obsoleto.
- Tudo bem, então. Isso é tão importante assim?
- Não. Não tem nenhuma importância.

Três dias depois, Vysogota tirou os últimos pontos. Tinha todos os motivos para estar contente e orgulhoso de sua obra: a linha da sutura estava reta e limpa, e não havia motivos para recear que ela ficasse impregnada de sujeira. O que diminuía a satisfação do cirurgião era ver Ciri num silêncio soturno contemplando a cicatriz no espelho sob vários ângulos e tentando escondê-la, sem êxito, atrás dos cabelos penteados de tal maneira que cobrissem a bochecha. A cesura a enfeava. Era um fato inegável. Não havia o que fazer. Não adiantava fingir que era diferente. A cicatriz, ainda vermelha, inchada como uma corda, pontuada com picadas de agulha e marcada com impressões de linha, apresentava um aspecto macabro. Vysogota sabia que era possível esse estado melhorar gradativa e rapidamente, porém não havia nenhuma chance de o sinal desaparecer ou ficar imperceptível.

Ciri sentia-se muito melhor e, para surpresa e satisfação do ancião, não falava nada sobre sua partida. Guiou Kelpie para fora do estábulo. Vysogota sabia que no Norte “kelpie” era a denominação de um espírito aquático, um monstro perigoso que, segundo a credence popular, podia tomar a forma de um cavalo de beleza admirável, de um golfinho ou até de uma mulher formosa, mas que na realidade se parecia com um amontoado de algas. Ciri selou a égua e trotou um pouco em volta da casa e do quintal. Em seguida, Kelpie retornou ao estábulo para fazer companhia à cabra e Ciri voltou à choupana para fazer companhia a Vysogota. Ela o ajudava, provavelmente por estar entediada, até nas tarefas com as peles. Enquanto ele separava as peles de lontra de acordo com o tamanho e as tonalidades, ela desprendia as de rato-almiscarado pelo dorso e pela barriga com a ajuda de uma faca e as estendia sobre uma mesa que eles haviam levado para casa. Tinha dedos extraordinariamente hábeis.

E foi durante essa atividade que surgiu uma conversa um tanto estranha.

– Você não sabe quem eu sou. Nem imagina quem eu sou.

Ciri repetiu essa declaração banal algumas vezes, deixando-o um pouco irritado. É claro que ele não deixou transparecer a irritação; ficaria humilhado se expusesse seus sentimentos diante de uma pirralha como ela. Não, não poderia deixar chegar a esse ponto, como também não poderia deixar transparecer a curiosidade que o afligia.

Era uma curiosidade um tanto boba, pois poderia suspeitar, sem esforço, quem ela era de verdade. Nos tempos de Vysogota, bandos de jovens também não constituíam uma raridade. Os anos que se passaram tampouco poderiam eliminar a força magnética com a qual essas quadrilhas atraíam garotos movidos por uma sede insaciável de aventuras e emoções fortes. Na maioria dos casos, era o que os levava à perdição. Aqueles que conseguiam se safar com uma cicatriz no rosto podiam ser considerados sortudos. Quanto aos azarentos, o que os aguardava eram torturas, a forca, o guincho ou a estaca.

Ah! Desde os tempos de Vysogota, apenas uma coisa havia mudado: a sucessiva emancipação. Os bandos atraíam não apenas rapazinhos, mas também molecas abobalhadas que preferiam o cavalo, a espada e a aventura à agulha de crochê, à roca e às visitas dos pretendentes.

Vysogota não lhe disse tudo isso diretamente. Transmitiu nas entrelinhas, mas de maneira que ela pudesse se dar conta de que ele sabia, para deixar claro que, se havia alguém ali misterioso, com certeza não era ela, uma bandoleira pirralha proveniente de um bando de adolescentes salteadores que escapara por milagre de uma perseguição. Uma fedelha que tentava se envolver num ar de mistério...

– Você não sabe quem eu sou. Mas não tenha medo. Logo irei embora. Não vou expô-lo ao perigo.

O ancião estava farto.

– Não corro perigo – disse secamente. – Que perigo seria? Mesmo que os perseguidores apareçam aqui, o que é duvidoso, que mal

podem me fazer? Auxiliar criminosos fugitivos é um ato que pode receber punição, mas não no caso de eremitas, pois um eremita não tem conhecimento dos assuntos do mundo. Tenho o privilégio de poder receber qualquer pessoa que aparecer em meu eremitério. Você falou bem: não sei quem você é. De onde um eremita, como eu, poderia saber quem você é, o que fez de errado e por que está sendo perseguida pela lei? E que lei? Pois eu não sei sequer que lei se aplica nestas redondezas e quais as competências desta jurisdição. E nem quero saber. Sou eremita.

Percebeu que havia falado demais sobre o eremitismo, mas não cedeu. Os olhos alucinadamente verdes dela picavam-no feito esporas.

– Sou um humilde eremita. Morri para o mundo e para seus problemas. Sou um homem simples e inculto, sem consciência daquilo que acontece no mundo...

Exagerou.

– Com certeza! – gritou Ciri, jogando a pele e a faca no chão. – Você acha que sou burra ou o quê? Não sou burra, não! Nem que isso passe por sua cabeça, anacoreta, eremita humilde! Quando você estava fora, dei uma espiada na casa. Olhei ali, ó, no canto da sala, atrás daquela cortina não muito limpa. De onde provêm aqueles livros sábios na estante, hein, homem humilde e inconsciente?

Vysogota jogou a pele de lontra por cima da pilha.

– Viveu aqui, há muito tempo, um fiscal da receita – disse, despreocupado. – São cadastros públicos e livros de contabilidade.

– Está mentindo. – Ciri franziu o cenho e massageou a cicatriz. – Está mentindo descaradamente!

Ele não respondeu, fingindo que avaliava a tonalidade de mais uma pele.

– Você deve pensar – retomou ela após um momento – que, por ter barba branca, rugas e quase cem anos, pode facilmente enganar uma garota ingênua, hein? Então vou lhe dizer o seguinte: talvez consiga ludibriar qualquer uma por aí, só que eu não sou qualquer uma.

O ancião ergueu as sobrancelhas numa pergunta muda, mas provocativa. Ela não o deixou esperar por muito tempo.

– Eu, meu eremita, estudei em lugares onde havia muitos livros. A propósito, conheço muitos dos títulos que estão em sua estante.

Vysogota ergueu ainda mais as sobrancelhas. Ela o fitou diretamente nos olhos.

– Que coisas estapafúrdias – falou, arrastando as palavras – diz uma porcalhona, órfã maltrapilha, ladra ou bandoleira encontrada no mato com o rosto desfigurado! No entanto, saiba, eremita, que li a *História de Roderick de Novembro*. Folheei, inúmeras vezes, a obra *Materiae medicae*. Conheço *Herbarius*, igual àquele da sua estante. Sei, aliás, o que simboliza a cruz de arminho sobre o escudo vermelho na lombada dos livros. Ela indica que o livro foi publicado pela Universidade de Oxenfurt. – Interrompeu-se, ainda observando-o atentamente.

O ancião permaneceu em silêncio, tentando controlar as expressões faciais para não revelar nada.

– Por isso acho – continuou Ciri, erguendo a cabeça num gesto que lhe era comum, orgulhoso e um pouco brusco – que você não é tolo nem eremita. Que você não morreu para o mundo, mas fugiu dele. E que você está se escondendo aqui, neste ermo, camuflado pelas aparências e por um caniçal infinito.

– Se for assim – sorriu Vysogota –, então realmente o acaso cruzou nossos caminhos de maneira estranha, minha jovem erudita. O destino nos une de modo muito misterioso, já que você também está se escondendo aqui. Você também, Ciri, cria a sua volta um ar de mistério. Eu, no entanto, sou um homem velho, cheio de suspeição, amargurado pela desconfiança por causa da idade...

– Desconfiança de mim?

– Do mundo, Ciri. Falando por metáforas, de um mundo em que as aparências enganosas usam a máscara da verdade para iludir outra verdade, falsa, que também tenta enganar. De um mundo em que o brasão da Universidade de Oxenfurt aparece nas portas de prostíbulos. De um mundo em que bandoleiras feridas se passam por jovens instruídas, cultas, talvez até de origem nobre, intelectuais e eruditas que leem *Roderick de Novembro* e se mostram familiarizadas com o

brasão da Academia. Apesar das aparências. Apesar de elas usarem outro sinal, uma tatuagem de bandido, uma rosa vermelha marcada na virilha.

– Sim, você tem razão. – Ciri mordeu os lábios, e seu rosto enrubesceu com tanta intensidade que a linha da cicatriz pareceu negra. – Você é um velho amargurado. E um intrometido desavergonhado.

– Em minha estante atrás da cortina – apontou Vysogota com um gesto da cabeça – está *Aen N’og Mab Taedh’morc*, uma coletânea de lendas e parábolas élficas em versos. Encontrará lá a história de um corvo vetusto e uma andorinha jovem que combina de maneira impressionante com nossa situação e com nossa conversa. Sou erudito, assim como você, Ciri, e permito-me lembrar o fragmento adequado. O corvo, como certamente você se recorda, acusa a andorinha de imprudência e inquietação indecente: *Hen Cerbin dic’ss aen n’og Zireael / Aark, aark, caelm foile, te veloe, ell? / Zireael...* – Interrompeu-se, apoiou os cotovelos sobre a mesa e o queixo sobre os dedos entrelaçados.

Ciri ergueu a cabeça, endireitou-se e lançou-lhe um olhar provocador.

Ele terminou:

– ... *Zireael veloe que’ss aen en’ssan irch / Mab og, Hen Cerbin, vean ni, quirk, quirk!* – Vysogota fez uma pequena pausa e por fim disse, sem mudar de posição: – O velho amargurado e desconfiado pede desculpas à jovem erudita. O corvo vetusto, que vê mentiras e ardis por toda parte, pede desculpas à andorinha, cuja única culpa é ser jovem, cheia de vida e graciosa...

– Agora você está falando besteiras – irritou-se ela, instintivamente cobrindo a cicatriz na bochecha com a mão. – Poupe-me desse tipo de elogios, porque eles não vão reparar o estrago que você fez quando suturou minha pele. Tampouco pense que dessa maneira ganhará minha confiança. Continuo não sabendo quem você é de verdade e por que me enganou a respeito daquelas datas. E com que intenção olhou entre minhas pernas, embora só tivesse um ferimento no rosto. E se você apenas olhou.

Dessa vez conseguiu tirá-lo do sério.

– O que está imaginando, pirralha?! – gritou Vysogota. – Eu poderia ser seu pai!

– Avô – corrigiu-o ela friamente. – Ou até bisavô. Mas você não é. Não sei quem você é, mas com certeza não é a pessoa por quem quer passar.

– Fui eu quem a encontrou no pantanal, quase congelada e presa ao musgo, com uma crosta negra no lugar do rosto, desmaiada, suja, imunda. Fui eu quem a trouxe para casa, embora não soubesse quem você era e pudesse suspeitar o pior. Fui eu quem a pousou sobre a cama. Fui eu quem tratou de você quando delirava em febre e a curou. Fui eu quem a lavou. Com muito cuidado, inclusive na região da tatuagem.

Ciri corou novamente, mas continuou a desafiá-lo com um olhar provocador.

– Neste mundo – resmungou –, às vezes as aparências enganosas usam a máscara da verdade, como você mesmo disse. Imagine que eu também já conheço o mundo um pouco. Você me salvou, cuidou de mim, me curou. Sou grata por isso. Agradeço sua... bondade. No entanto, sei que não existe bondade sem...

– Sem interesse e sem esperar recompensa – completou ele, sorrindo. – É verdade, sim, sou um homem viajado. Talvez até conheça o mundo tão bem quanto você, Ciri. Como sabe, moças feridas são privadas de tudo o que possa ter valor. Se estiverem inconscientes ou fracas demais para se defender, ficam suscetíveis à luxúria e à lascívia, muitas vezes de maneiras perversas e ilícitas. Não é assim?

– As aparências enganam – respondeu ela, enrubescendo mais uma vez.

– Que constatação precisa! – Ele jogou mais uma pele sobre a pilha certa. – E ela nos leva impiedosamente a uma conclusão: a de que nós, Ciri, não sabemos nada um sobre o outro. Conhecemos apenas as aparências. No entanto, elas enganam.

Esperou por um momento, mas ela não se apressou a dizer nada.

– Embora nós dois tenhamos conseguido fazer uma espécie de inquérito inicial, continuamos não sabendo nada um sobre o outro. Eu não sei quem você é, você não sabe quem eu sou...

Dessa vez, foi calculista. Ciri olhava para ele, e em seus olhos escondia-se a pergunta que ele aguardava. Um estranho brilho reluziu em seus olhos quando ela a fez.

– Quem começará?

Se naquele dia, depois do anoitecer, alguém conseguisse aproximar-se sorrateiramente da choupana com o telhado de palha afundado coberto de musgo e espreitasse o interior dela, veria, à luz das chamas e da brasa do fogareiro, um ancião de barba branca debruçado sobre uma pilha de peles. Distinguiria também uma garota de cabelos cinzentos com uma horrenda cicatriz na bochecha que não combinava nem um pouco com os olhos verdes tão grandes como os de uma criança.

No entanto, ninguém poderia vê-los. A choupana ficava no meio de um caniçal, entre os pântanos, onde ninguém se atrevia a adentrar.

– Chamo-me Vysogota de Corvo. Fui médico. Cirurgião. Alquimista, pesquisador, historiador, filósofo, eticista. E também professor da Universidade de Oxenfurt. Tive de fugir de lá depois de publicar uma obra considerada ímpia, razão pela qual, naquela época, cinquenta anos atrás, poderia ter sido condenado à pena de morte. Tive de emigrar. Minha esposa não concordou com a ideia, por isso me deixou. Interrompi minha jornada apenas quando cheguei ao longínquo Sul, domínio do império nilfgaardiano. Passado algum tempo, fui nomeado professor de ética na Academia Imperial em Castell Graupian, cargo que ocupei por aproximadamente dez anos. No entanto, tive de fugir dali também, depois de publicar um tratado sobre o poder totalitário e o caráter criminoso das guerras de conquista, embora oficialmente eu e minha obra tenhamos sido acusados de misticismo metafísico e cisma clerical. Chegou-se à conclusão de que atuei incitado por grupos de sacerdotes de caráter expansivo e revisionista que de fato governavam os reinos dos nortelungos. Foi algo bastante engraçado, considerando o fato de eu ter sido condenado à morte por ateísmo vinte anos antes! Acontece que no Norte os sacerdotes expansivos já haviam sido esquecidos, embora em

Nilfgaard não se admitisse isso. A ligação do misticismo e da superstição com a política era perseguida e punida severamente.

“Hoje, analisando da perspectiva do tempo passado, acredito que, se eu tivesse me mostrado submisso e arrependido, o caso teria sido abafado. O imperador se limitaria a não conceder o ato de clemência, sem recorrer a meios drásticos. No entanto, eu estava indignado, certo de minhas razões, que eu considerava atemporais, superiores a qualquer governante ou à política. Sentia-me injustiçado pela tirania. Portanto, entrei em contato com os dissidentes que combatiam o tirano secretamente. Antes que eu percebesse, estava preso com eles num calabouço, e alguns, quando foram apresentados às ferramentas de tortura, me apontaram como o principal idealizador do movimento.

“O imperador concedeu o indulto, mas fui condenado ao desterro, sob a ameaça de uma condenação imediata à pena de morte caso voltasse às terras imperiais.

“Foi então que fiquei ressentido com o mundo todo, com reinos, impérios, universidades, dissidentes, funcionários públicos, juristas. Com colegas e amigos, que de uma hora para outra deixaram de sê-lo. Com minha segunda mulher, que, como a primeira, achava que os problemas do marido eram motivo suficiente para o divórcio. Com os filhos, que renunciaram a mim. Tornei-me eremita. Aqui, em Ebbing, nos pântanos de Pereplut. Ocupei o casebre de um eremita que conhecera havia algum tempo. Por azar, Nilfgaard anexou Ebbing e, de repente, eu estava em território nilfgaardiano novamente. Não tenho mais forças nem vontade de vagar por aí, então preciso me esconder. A sentença de morte mantém-se vigente, pois decisões imperiais não prescrevem, mesmo que o imperador que as emitiu esteja morto e o atual não tenha motivos para gostar dele ou compartilhar suas convicções. Essa é a lei e o costume em Nilfgaard. As sentenças por alta traição não prescrevem, nem são sujeitas à anistia, que é declarada por todos os imperadores após sua coroação. Ao subir ao trono, o novo imperador anistia todos aqueles que seu antecessor condenou... exceto os culpados por alta traição. Não importa quem governe em Nilfgaard: se for descoberto que estou vivo e violando a sentença de desterro por manter-me no território imperial, serei decapitado no cadafalso.

“Assim, Ciri, como você está vendo, nós nos encontramos numa situação muito parecida.”

– O que é ética? Sabia, mas esqueci.

– É a ciência da moralidade, dos preceitos que envolvem a conduta moral, nobre, benevolente e honesta, que ensina sobre a alteza do bem, para a qual a alma humana é elevada pela justiça e moralidade, e sobre o abismo do mal, para o qual empurram a injustiça e a imoralidade...

– A alteza do bem! – bufou Ciri. – Justiça! Moralidade! Não me faça rir, ou minha cicatriz vai arrebentar. Você teve sorte de não ser perseguido, de não mandarem um caçador de recompensas atrás de você, como... Bonhart. Veria então o que é o abismo do mal. Ética? Vysogota de Corvo, sua ética vale o mesmo que uma bosta. Não se atiram para o abismo os maus e imorais, não! De jeito nenhum! São os maus, porém determinados, que empurram para lá os que são justos, honestos e nobres, mas desajeitados, vacilantes e cheios de escrúpulos.

– Obrigado pela lição – ironizou o ancião. – Acredito que, mesmo que se viva um século, nunca é demasiado tarde para aprender algo. De fato, sempre vale a pena ouvir pessoas maduras, vividas, experientes.

– Deboche quanto quiser. – Ela balançou a cabeça. – Deboche enquanto pode. Agora é minha vez. Agora vou entretê-lo com minha história. Vou lhe contar o que passei. E, quando acabar, veremos se você ainda terá vontade de debochar.

Se naquele dia, depois do anoitecer, alguém conseguisse aproximar-se sorrateiramente da choupana perdida no meio do pantanal, com o telhado de palha afundado coberto de musgo, e espreitasse pelas venezianas, veria, no interior mal iluminado, um ancião de barba branca ouvindo, concentrado, o relato de uma garota de cabelos cinzentos sentada sobre uma tora perto do fogareiro. Notaria que ela falava devagar, como se tivesse dificuldade em encontrar as palavras certas, que esfregava nervosamente a bochecha desfigurada por uma horrenda cicatriz, que entrelaçava a história de sua vida com longos momentos de silêncio. Era a história sobre como os ensinamentos lhe foram transmitidos e se revelaram ilusórios e

enganosos, promessas que lhe foram feitas e não se cumpriram. A história sobre como o destino no qual a fizeram acreditar a havia traído infamemente, despojando-a de sua herança. A história sobre como, toda vez que começava a ter esperança, caíam sobre ela adversidades, dor, injúria e humilhação. A história sobre como aqueles que ela amava e em quem confiava a traíram, não a auxiliaram quando sofria, quando corria risco de desonra, tortura ou morte. A história sobre como os ideais aos quais a aconselharam a permanecer fiel falharam quando mais precisava deles, comprovando apenas quão pouco valiam. A história sobre como, finalmente, encontrou ajuda, amizade e amor com aqueles que, pelas aparências, não tinham condições de oferecer ajuda, amizade, tampouco amor.

No entanto, ninguém poderia vê-los ou ouvi-los. A choupana com o telhado afundado coberto de musgo ficava bem escondida entre os pântanos, num ermo eternamente enevoado, onde ninguém se atrevia a adentrar.

CAPÍTULO SEGUNDO

Quando entra na adolescência, a jovem inicia as tentativas de penetrar esferas da vida antes inacessíveis a ela, o que nos contos de fadas é simbolizado pela entrada numa torre misteriosa em busca de uma câmara oculta. A moça sobe até o cume da torre por uma escada em espiral – as escadas nos sonhos simbolizam experiências eróticas. A câmara vedada, esse pequeno aposento fechado à chave, simboliza a vagina. Girar a chave na porta é símbolo do ato sexual.

Bruno Bettelheim, *The uses of enchantment: the meaning and importance of fairy tales*

O vento que soprava do oeste trouxe uma tempestade noturna.

O céu em tons de negro e púrpura arrebentou ao longo da linha de raios, explodiu com o estrondo prolongado do trovão. Uma chuva repentina bateu contra a poeira da estrada com gotas espessas como óleo, rumorejou nos telhados, espalhou sujeira nas folhas das janelas. Porém um vento forte logo varreu a bátega, arredou a tempestade para bem longe, além do horizonte, que ardia cortado por relâmpagos.

Foi então que os cães começaram a latir. Ouviram-se o estrépito de cascos e o estridor de armas. Uma gritaria selvagem e assovios acordaram os camponeses e os fizeram levantar-se em pânico para barrar as portas e as venezianas com estacas. As mãos suadas apertavam os cabos dos machados e forcados. Apertavam com força, embora impotentemente.

O terror, o terror estava atravessando a vila. Seriam fugitivos ou perseguidores? Cruéis e enlouquecidos de raiva ou de pavor? Passariam sem parar os cavalos? Ou dali a pouco a noite seria iluminada pelas chamas dos telhados de palha flamejantes?

– Fiquem quietinhas, crianças...

– Mamãe, são os demônios? É a Caçada Selvagem? Espectros vindos do inferno? Mamãe, mamãe!

– Fiquem quietinhas, crianças. Não são os demônios, não é o diabo... É algo pior. São os humanos.

Os cães ganiam. Ventava às lufadas. Os cavalos relinchavam, as ferraduras troavam.

Uma companhia armada atravessava a vila e a noite.

Hotsporn cavalgou até o outeiro, parou e virou o cavalo. Era perspicaz e cauteloso. Não gostava de arriscar, especialmente quando a precaução não custava nada. Não se apressou a descer do montículo até o rio, até o posto dos correios. Preferia primeiro observar bem.

Não havia cavalos nem carruagens diante do posto, apenas uma carroça com uma parelha de mulas, coberta por uma lona com um letreiro que Hotsporn não conseguia ler de longe. Mas não cheirava a perigo. Ele conseguia pressentir o perigo. Era perito nisso.

Desceu do outeiro para a margem coberta de mato e amieiros, guiou o cavalo decididamente para dentro do rio e o atravessou a galope, com a água respingando até a altura da sela. Os marrecos que chapinhavam na beirada fugiram grasnando veementemente. Hotsporn apressou o cavalo e adentrou o pátio do posto pela cerca aberta. Agora conseguiu ler o letreiro na lona da carroça: “Mestre Almavera, Tatuador Artístico”. Cada palavra da inscrição estava pintada de uma cor e começava com uma letra exageradamente grande, ornada com iluminuras. E no vagão da carroça, acima da roda frontal direita, havia o desenho de uma pequena flecha purpúrea quebrada.

– Desça do cavalo! – ouviu uma ordem vinda de trás. – No chão, agora! Mantenha as mãos longe do cabo!

Chegaram à socapa e cercaram-no sem fazer nenhum barulho, Asse pela direita, de casaco de couro preto rebitado com prata, e Falka pela esquerda, de gibão de camurça verde e boina com penas. Hotsporn tirou o capuz e o pano que cobria seu rosto.

– Ah! – Asse abaixou a espada. – É você, Hotsporn. Eu o reconheceria, mas esse cavalo negro me confundiu!

– Que égua linda! – exclamou Falka, ajeitando a boina sobre as orelhas. – Negra e reluzente como carvão, não tem nem um único pelo mais claro. Que graça! Ehhh, lindona!

– Pois é, eu a consegui por menos de cem florins. – Hotsporn sorriu sem jeito. – Onde está Giselher? Lá dentro?

Asse acenou afirmativamente com a cabeça. Falka, olhando para a égua encantada, deu uns tapinhas em seu pescoço.

– Quando atravessava a água correndo – ergueu os enormes olhos verdes para Hotsporn –, parecia uma verdadeira kelpie! Se tivesse emergido do mar, e não do rio, diria que era uma autêntica kelpie.

– A senhorita Falka já viu uma kelpie?

– Só numa imagem. – Ela ficou soturna de repente. – Poderia falar muito sobre isso, mas não agora. Entre. Giselher está a sua espera.

Havia uma mesa ao lado da janela, pela qual entrava um pouco de luz. Mistle estava semideitada sobre ela, apoiada nos cotovelos, seminua da cintura para baixo, sem nada além das meias finas pretas. Entre suas pernas escarranchadas despudoradamente encontrava-se, de joelhos, um indivíduo magro e de cabelos compridos, vestindo gabardina parda. Só podia ser mestre Almavera, tatuador artístico, pois estava ocupado gravando um desenho colorido na coxa de Mistle.

– Aproxime-se, Hotsporn – convidou Giselher, afastando um banco da mesa à qual estava sentado ao lado de Faísca, Kayleigh e Reef.

Os dois últimos, assim como Asse, usavam casaco de couro de novilho preto, cheio de fivelas, tachões, correntes e outros sofisticados adornos de prata. “Algum artesão deve ter ficado rico graças a eles”, pensou Hotsporn. Os Ratos, quando queriam se enfeitar, remuneravam alfaiates, sapateiros e coureiros como faria um rei. E, claro, exercendo seu ofício, se algo lhes agradasse, também não se importavam nem um pouco de simplesmente se apoderar da roupa ou das joias de alguém.

– Pelo visto, você encontrou nossa mensagem nas ruínas do antigo posto. – Giselher espreguiçou-se. – Ah! O que estou dizendo! Do contrário você não estaria aqui. Tenho de admitir que chegou rápido.

– Porque a égua é linda – intrometeu-se Falka. – Aposto que também é veloz!

– Eu encontrei sua mensagem. – Hotsporn não tirava os olhos de Giselher. – E a minha? Você a recebeu?

– Recebi... – gaguejou o líder dos Ratos. – Mas... Então, em breves palavras... Não deu tempo. Nós bebemos um pouco e tivemos de descansar um bocado. E depois surgiu outro destino...

“Moleques safados!”, pensou Hotsporn.

– Indo direto ao ponto: você não cumpriu as ordens?

– Não cumpri. Perdoe-me, Hotsporn. Não foi possível... Mas na próxima vez, hein! Com certeza!

– Com certeza! – afirmou Kayleigh com ênfase, embora ninguém pedisse que afirmasse nada.

Moleques irresponsáveis! Ficaram bêbados. E depois surgiu outro destino. Certamente foram visitar os alfaiates atrás de roupinhas requintadas.

– Aceita beber conosco?

– Não, obrigado.

– E que tal provar isso? – Giselher apontou para um estojo de laca que estava no meio dos garrafões e das canecas.

Hotsporn entendeu então por que os olhos dos Ratos tinham um brilho esquisito e seus movimentos eram tão nervosos e rápidos.

– Pó de primeira qualidade – garantiu Giselher. – Não quer nem uma pitada?

– Não, obrigado. – Hotsporn olhou enfaticamente para a mancha de sangue e o rastro na serragem que desaparecia num compartimento, indicando para onde havia sido arrastado o cadáver. Giselher notou o olhar.

– Um peão queria se passar por valente – bufou –, a tal ponto que Faísca teve de castigá-lo.

Faísca deu uma gargalhada. Era nítido que estava bastante excitada pelo narcótico.

– Eu o castiguei tanto que se engasgou com o próprio sangue – gabou-se. – Aí logo os outros ficaram mansinhos de vez. Isso é que se chama terror!

Estava, como sempre, carregada de joias; usava até um brinco de diamante no nariz. Não vestia casaco de couro, mas um gibão cor de cereja com um ornamento de brocado, tão famoso que havia virado o último grito da moda entre a juventude dourada de Thurn, assim como o lenço de seda que Giselher usava na cabeça. Hotsporn até ouvira falar das meninas que cortavam os cabelos “ao estilo de Mistle”.

– Isso é que se chama terror – repetiu, pensativo, olhando novamente para a mancha de sangue no chão. – E o superintendente do posto? E sua mulher? E o filho?

– Não, não. – Giselher franziu o cenho. – Você acha que matamos todos? Nada disso. Nós os prendemos temporariamente na despensa. Agora, como você pode ver, o posto é nosso.

Kayleigh lavou a boca com o vinho, gargarejou e o cuspiu no chão. Tirou com uma colherinha um pouco do fisstech do estojo, polvilhou a droga cuidadosamente sobre a ponta do dedo indicador umedecido com saliva e a esfregou na gengiva. Passou o estojo a Falka, que repetiu o ritual e entregou o fisstech a Reef. O nilfguardiano recusou, ocupado em folhear o catálogo de tatuagens coloridas, e devolveu o estojo a Faísca. A elfa passou-o a Giselher sem tê-lo usado.

– Terror! – resmungou ele, semicerrando os olhos e fungando o nariz. – Tomamos o posto e o mantemos sob terror! O imperador Emhyr dominou o mundo todo dessa maneira, e nós apenas o fizemos com este barracão. Mas a regra que vale é a mesma!

– Aiiiiiii, porra! – Mistle berrou da mesa. – Preste atenção onde você espeta essa agulha! Faça isso de novo e eu o espeto também! De um lado a outro!

Os Ratos, salvo Falka e Giselher, soltaram uma gargalhada.

– Se você quer ser bonita, tem de sofrer! – gritou Faísca.

– Espete, mestre, espete – acrescentou Kayleigh. – Ela é rija entre as pernas!

Falka soltou um palavrão e jogou uma caneca contra ele. Kayleigh esquivou-se, e outra vez os Ratos gargalharam.

– Então – Hotsporn decidiu acabar com a alegria – vocês mantêm o posto sob terror. Para quê? Apenas para sentirem a satisfação de aterrorizar?

– Aqui, nós estamos de tocaia – respondeu Giselher, esfregando o fístech na gengiva. – Quando alguém faz uma parada para trocar os cavalos ou descansar, nós o assaltamos. É mais cômodo que ficar numa encruzilhada ou no mato à beira da estrada. E a regra que vale, como Faísca acabou de dizer, é a mesma.

– Mas hoje, desde o amanhecer, a única pessoa que apareceu foi esse rapaz aí – intrometeu-se Reef, apontando para o mestre Almavera, escondido quase até a cabeça entre as pernas escarranchadas de Mistle. – Está duro, como todos os artistas. Não tinha nada que pudéssemos roubar, por isso estamos roubando sua arte. Olhe só como ele é bom no desenho.

Deixou o braço à mostra, exibindo a tatuagem de uma mulher nua que movia as nádegas quando ele fechava o punho. Kayleigh também se gabou: em volta de seu braço, acima da pulseira de cravos, contorcia-se uma serpente com a boca aberta exibindo uma língua bifurcada escarlate.

– Bom gosto – respondeu Hotsporn, impassível. – Útil na hora de identificar os cadáveres. Infelizmente o roubo não deu certo, caros Ratos. Terão de pagar ao artista por sua arte. Não havia como avisá-los: há sete dias, desde primeiro de setembro, o sinal é uma flecha purpúrea quebrada. Ele tem uma pintada na carroça.

Reef xingou baixinho. Kayleigh riu. Giselher acenou com a mão, num gesto de indiferença.

– Bem, já que é assim, pagaremos por suas agulhas e tintas. Você diz que é uma flecha purpúrea, não é? Vamos nos lembrar disso. Se até amanhã outro aparecer por aqui com esse sinal, não lhe causaremos nenhum prejuízo.

– Vocês pretendem ficar aqui até amanhã? – surpreendeu-se Hotsporn. – É imprudente, Ratos. Arriscado e perigoso!

– O quê?

– É arriscado e perigoso.

Giselher deu de ombros. Faísca bufou e assoou o nariz, despejando o conteúdo no chão. Reef, Kayleigh e Falka olhavam para o mascate como se ele acabasse de informá-los de que o sol caíra no rio e era necessário pescá-lo o mais rápido possível antes que os caranguejos o pinicassem. Hotsporn deu-se conta de que havia apelado ao juízo de uma molecada insensata e falado do risco e perigo a fanfarrões cheios de bravura desenfreada completamente alheios a esses conceitos.

– Estão perseguindo vocês, Ratos.

– E daí?

Hotsporn suspirou.

A conversa foi interrompida por Mistle, que se aproximou deles sem fazer questão de se vestir. Pôs a perna no tampo da mesa e, rebolando os quadris, apresentou a todos, sem exceção, a obra do mestre Almavera: uma rosa carmim com caule e duas folhas verdes localizada na coxa, junto da virilha.

– Que tal? – perguntou, colocando as mãos na cintura. Suas pulseiras de brilhantes, que chegavam quase até os cotovelos, reluziram. – O que acham?

– Linda! – resfolegou Kayleigh, jogando os cabelos para trás. Hotsporn notou que o Rato tinha as orelhas furadas e usava brincos. Não havia dúvida de que em pouco tempo esse tipo de brinco, assim como o couro rebitado com metal, estaria na moda entre a juventude dourada de Thurn e de todo o Geso.

– Chegou sua vez, Falka – falou Mistle. – O que vai querer tatuar?

Falka tocou sua coxa, inclinou-se e observou a tatuagem com atenção. De perto. Mistle bagunçou seus cabelos cinzentos com carinho. Falka riu baixinho e começou a se despir sem nenhum pudor.

– Eu quero uma rosa igual – declarou. – No mesmo lugar que a sua, querida.

– Quantos ratos por aqui, Vysogota! – Ciri interrompeu o relato, olhando para o chão, onde, dentro do círculo da luz emitida pela lamparina a óleo, disputava-se um verdadeiro torneio de ratos. Podia-se

imaginar o que provavelmente se passava fora do círculo, na escuridão.
– Um gato seria útil, ou melhor, dois.

– Os roedores – o eremita pigarreou – entram na casa porque o inverno está chegando. Eu tinha um gato, mas o ingrato foi embora, sumiu.

– Provavelmente foi comido por uma raposa ou uma marta.

– Você não viu esse gato, Ciri. Se alguma coisa o comeu, deve ter sido um dragão. Nada menor do que isso.

– Era tão grande assim? Ah, que pena! Ele não deixaria esses ratos subirem em minha cama. Lamento muito.

– É pena mesmo, mas eu acho que ele vai voltar. Os gatos sempre voltam.

– Vou colocar mais lenha no fogo. Está frio.

– Está mesmo. As noites estão horrivelmente frias agora... E olhe que não estamos nem na metade de outubro... Continue contando a história.

Ciri permaneceu imóvel por um momento, com o olhar fixo no fogareiro. As chamas reavivaram-se na madeira colocada ao fogo, crepitando e lançando um brilho dourado e sombras agitadas no rosto deformado da garota.

– Continue.

O mestre Almavera tatuava e Ciri sentia as lágrimas acumulando-se no canto dos olhos. Embora o vinho e o pó branco a tivessem entorpecido, a dor era insuportável. Cerrava os dentes para não gemer. E, claro, não gemia. Fingia que não prestava atenção à agulha e que desprezava a dor. Procurava, como se não estivesse acontecendo nada, participar da conversa dos Ratos com Hotsporn, um indivíduo que queria se passar por mascate e que, embora ganhasse a vida dependendo de mascates, não tinha nada a ver com o comércio.

– Nuvens negras encobrem a cabeça de vocês – disse Hotsporn, passando os olhos pelo rosto de todos os Ratos. – Não é apenas o prefeito de Amarillo que os persegue. Os Varnhagens e o barão Casadei também...

– Aquele barão? – Giselher franziu o cenho. – Entendo os motivos do prefeito e dos Varnhagens, mas por que esse Casadei está tão determinado a nos pegar?

– O lobo vestiu pele de cordeiro – Hotsporn sorriu – e berra lamentando: “Béé, béé, ninguém gosta de mim, ninguém me entende. Para onde eu vou, jogam pedras em mim, gritam ‘Fora daqui!’ Por que isso? Por que essa injustiça e essa crueldade?” A filha do barão Casadei, caros Ratos, continua fraca, com febre, depois daquela aventura à beira do rio Pliszka...

– Ahhh – lembrou Giselher. – A carruagem com os quatro tordilhos! Trata-se daquela moça?

– Dela mesmo. Como falei, continua doente; acorda à noite aos gritos lembrando-se do senhor Kayleigh... e especialmente da senhorita Falka. E do camafeu, herança da mãe falecida, que a senhorita Falka arrancou à força de seu vestido, proferindo palavras diversas.

– Não é nada disso! – berrou Ciri da mesa, aproveitando a possibilidade de reagir à dor. – Demonstramos despeito e menosprezo à baronesa deixando que saísse de lá ilesa! Era para fodê-la!

– Realmente. – Ciri sentiu o olhar de Hotsporn em suas coxas nuas. – É uma verdadeira desonra não ter aproveitado a ocasião para desgraçá-la. Não é de estranhar que o barão Casadei, ofendido, tenha juntado uma companhia armada e determinado uma recompensa. Jurou publicamente que todos vocês serão pendurados das consolas dos muros de seu castelo com a cabeça para baixo. Avisou também que esfolará, com cintas, a senhorita Falka por roubar o camafeu de sua filha.

Ciri xingou e os Ratos caíram numa gargalhada selvagem. Faísca espirrou e melou-se toda; o fisstech irritava sua membrana mucosa.

– Estamos cagando para essas perseguições – declarou, limpando o nariz, a boca, o queixo e a mesa com um cachecol. – O prefeito, o barão, os Varnhagens! Eles nos perseguem, mas não conseguirão nos pegar! Somos os Ratos! Depois do Velda, fizemos três zigue-zagues e agora esses idiotas estão desnorteados atrás do rastro frio. Quando eles se derem conta, já estarão longe demais para retornar.

– Se retornarem, hein! – disse impetuosamente Asse, que voltara havia algum tempo do posto de sentinela, no qual ninguém o substituíra nem pretendia fazê-lo. – Vamos lascá-los, só isso!

– Claro! – gritou Ciri da mesa, esquecida de como na noite anterior fugiram da perseguição pelas vilas localizadas à margem do Velda e de quanto medo sentira.

– Chega! – Giselher bateu na mesa com a palma aberta, encerrando bruscamente a conversa barulhenta. – Desembuche, Hotsporn, pois vejo que você quer nos falar sobre algo mais importante que o prefeito, os Varnhagens, o barão Casadei e sua filha sensível.

– Bonhart os persegue.

Caiu um silêncio extremamente longo. Até o mestre Almavera parou de tatuar por um momento.

– Bonhart – repetiu Giselher devagar. – Aquele velho malandro de cabelos brancos. Provavelmente alguém ficou seriamente aborrecido conosco.

– Alguém rico – constatou Mistle. – São poucos os que conseguem pagar pelo serviço de Bonhart.

Ciri estava prestes a perguntar quem era o tal Bonhart quando Asse e Reef se anteciparam quase simultaneamente, em uníssono.

– É um caçador de recompensas – esclareceu Giselher de forma soturna. – Dizem que foi soldado, depois vendedor ambulante, até finalmente começar a matar gente para ganhar recompensas. É um filho da puta como há poucos neste mundo.

– Contam – disse Kayleigh, um tanto despreocupado – que, se enterrassem todos os que foram mortos por Bonhart num cemitério só, seria necessária uma área de pelo menos meio hectare.

Mistle colocou uma pitada do pó branco entre o polegar e o dedo indicador e aspirou com força.

– Bonhart derrubou a companhia do Grande Lothar – disse. – Matou-o com seu irmão, aquele apelidado de Cogumelo.

– Dizem que o esfaqueou nas costas – acrescentou Kayleigh.

– Matou Valdez também – adicionou Giselher. – E, quando Valdez morreu, sua companhia se dispersou. Era uma das melhores. Uma

companhia boa e forte. Com bons companheiros. Pensei uma vez em juntar-me a eles, antes de nos conhecermos.

– Tudo isso é verdade – disse Hotsporn. – Nunca houve nem haverá uma companhia igual à de Valdez. Há cantos que contam como conseguiram fugir da perseguição nas redondezas de Sarda. Que cabeças criativas, que imaginação cavaleiresca! Poucos podiam se igualar a eles!

De repente os Ratos ficaram calados e fitaram-no com seus olhos maus e relampejantes.

– Uma vez – falou Kayleigh devagar, após um momento – nós seis conseguimos passar por um esquadrão da cavalaria nilfgaardiana!

– Conseguimos retomar Kayleigh dos nissírios! – rosnou Asse.

– Conosco – rosnou Reef – também não se brinca!

– É isso mesmo, Hotsporn – Giselher encheu o peito. – Os Ratos não são piores que nenhum outro bando, nem piores que a companhia de Valdez. Você disse “imaginação cavaleiresca”? Então vou lhe contar sobre a imaginação feminina. As três moças que estão aqui sentadas, Faísca, Mistle e Falka, atravessaram a vila de Druigh durante o dia. Souberam que os Varnhagens estavam na taberna, passaram também por lá! A galope, cruzaram bem pelo meio! Entraram pela frente e saíram pelo quintal. E os Varnhagens ficaram boquiabertos, as canecas se despedaçaram no chão e a cerveja ficou toda derramada. Vai me dizer que isso é pouca imaginação?

– Não, não vai dizer – Mistle antecipou a resposta, com um sorriso malicioso. – Não vai dizer isso porque conhece os Ratos. Seu grêmio também nos conhece.

O mestre Almavera terminou a obra. Ciri agradeceu com uma cara de orgulho, vestiu-se e sentou-se junto da companhia. Bufou sentindo sobre si um olhar estranho, crítico e um tanto irônico de Hotsporn. Olhou para ele com desdém, envolvendo o braço de Mistle com um gesto exagerado, ostensivo. Já conseguira praticar e comprovar que esse tipo de manifestação envergonhava e esfriava as intenções luxuriosas dos homens. Mas no caso de Hotsporn agiu com um pouco de exagero, pois o suposto mascate não manifestara nenhum sinal de atrevimento nessa questão.

Para Ciri, Hotsporn era um mistério. Vira-o apenas uma vez, o que sabia dele Mistle havia lhe contado. Hotsporn e Giselher, esclareceu, conheciam-se e mantinham uma amizade de longa data, combinavam sinais, senhas e pontos de encontros. Durante esses encontros, Hotsporn passava informações e então era preciso ir até determinado local e assaltar o comerciante, o comboio ou a caravana indicados. Às vezes se matava a pessoa. Sempre se combinava um sinal. Os comerciantes que usassem esse sinal nas carroças não podiam ser assaltados.

De início, Ciri ficara surpresa e levemente decepcionada – considerava Giselher um ídolo. Os Ratos eram um exemplo de liberdade e independência, ela própria chegara a venerar aquela liberdade, aquele desprezo por tudo e por todos. Até que, de repente, foi necessário fazer serviços encomendados. Como mercenários, cumpriam as ordens de alguém que determinava quem deveria ser atacado. Não só isso: esse sujeito também determinava quem não deveria ser atacado e eles obedeciam de orelhas baixas.

Sempre se tratava de uma troca de favores, dissera Mistle, dando de ombros. Hotsporn nos dá ordens, mas também informações graças às quais sobrevivemos. A liberdade e o desprezo têm seus limites. No fim das contas sempre se acaba como ferramenta nas mãos de alguém.

A vida é assim, falcãozinho.

Ciri estava surpresa e desiludida, mas logo passou. Aprendia rápido, e aprendeu também a não estranhar demais e a não nutrir grandes esperanças, assim a desilusão seria menos dolorosa.

– No entanto, eu tenho uma solução para todos os problemas de vocês – disse Hotsporn. – Para os nissírios, barões, prefeitos, até para Bonhart. Isso mesmo, eu tenho a solução. Pois, embora exista uma corda apertando o pescoço de vocês, sei como se livrar dela.

Faísca bufou, Reef soltou uma gargalhada. Mas Giselher os silenciou com um gesto e deixou que Hotsporn continuasse.

– Circula uma notícia – disse o mascate após um momento – de que será anunciada uma anistia qualquer dia desses. Todos os sentenciados serão anistiados, mesmo os condenados à pena de morte,

sob a condição de se revelarem e confessarem seus crimes. Isso também vale para vocês.

– Papo furado! – gritou Kayleigh lacrimejando, pois acabara de aspirar uma pitada de fisstech pelo nariz. – É um truque nilfgardiano, um arдил! Nós, macacos velhos, não cairemos nesse tipo de armadilha!

– Peraí – Giselher o segurou. – Não se apresse, Kayleigh. Hotsporn, que conhecemos bem, não costuma falar por falar nem vir com conversa fiada. Sabe o que fala e por quê. Por isso, decerto sabe e vai nos dizer de onde surgiu essa inesperada indulgência nilfgardiana.

– O imperador Emhyr – disse Hotsporn em tom calmo – vai se casar. Daqui a pouco teremos uma imperatriz em Nilfgaard. Por isso vão declarar a anistia. Dizem que o imperador está extremamente feliz, portanto deseja a felicidade de todos.

– Cago para a felicidade do imperador – declarou Mistle com soberba. – E me permito não desfrutar da anistia, pois essa indulgência nilfgardiana me cheira a serragem fresquinha. Como se estivessem aparando a ponta de uma estaca!

– Duvido que seja um arдил – Hotsporn deu de ombros. – É assunto político. De grande importância. Maior do que vocês, Ratos, maior do que todas as companhias aqui juntas. Trata-se de política.

– Como assim? Exatamente do quê? – Giselher franziu o cenho. – Não entendi porra nenhuma.

– O casamento de Emhyr é político e por meio dele serão conquistados alguns objetivos políticos. O intuito do imperador é criar uma aliança através do casamento. Ele quer unir o império, acabar com os tumultos fronteiriços, estabelecer a paz. Vocês sabem com quem Emhyr vai se casar? Com Cirilla, a herdeira do trono de Cintra.

– Mentira! – gritou Ciri. – Absurdo!

– E por qual motivo a senhora Falka me chama de mentiroso? – Hotsporn fixou os olhos nela. – Será que está mais bem informada que eu?

– Claro!

– Fique quieta, Falka – Giselher franziu o cenho. – Quando a espetaram na bunda lá na mesa você estava quieta, e agora você grita?

Que Cintra é essa, Hotsporn? Que Cirilla é essa? Por que isso seria tão importante?

– Cintra – interrompeu Reef, povilhando fístech sobre o dedo – é um país no Norte, e o império o disputava com os governantes locais. Isso foi há uns três ou quatro anos.

– É isso mesmo – confirmou Hotsporn. – Os imperiais conquistaram Cintra e até conseguiram atravessar o rio Yarra, mas depois tiveram que recuar.

– Porque apanharam nos arredores do Monte de Sodden – resmungou Ciri. – Recuaram com tanta pressa que quase perderam as calças!

– Pelo visto, a senhorita Falka tem conhecimento da história contemporânea. É de elogiar, uma pessoa tão nova ter tantos conhecimentos. Posso perguntar que escolas a senhorita Falka frequentou?

– Não, não pode!

– Chega! – Giselher chamou a atenção. – Hotsporn, continue, fale mais sobre essa Cintra. E sobre a anistia.

– O imperador Emhyr – continuou o mascate – decidiu transformar Cintra num país trepadeiro...

– Como?

– Um país trepadeiro. Como uma planta trepadeira que não consegue sobreviver sem um tronco firme em volta do qual possa se enrolar. E esse tronco, lógico, seria Nilfgaard. Já existem países desse tipo, como Metinna, Maecht, Toussaint... Governados por dinastias locais. De forma mascarada, claro.

– Isso se chama automonia assemelhada – gabou-se Reef. – Já ouvi falar.

– O problema com essa Cintra foi o seguinte... A linha real de lá se extinguiu...

– Extinguiu?! – Ciri parecia pronta para soltar faíscas verdes. – Extinguiu-se porra nenhuma! Os nilfgaardianos assassinaram a rainha Calanthe! Simplesmente a assassinaram!

Com um gesto, Hotsporn conteve Giselher, que queria dar bronca em Ciri por se intrometer.

– Tenho que admitir que a senhorita Falka nos deslumbra com um conhecimento fora do comum. A rainha de Cintra de fato pereceu durante a guerra. Sua neta Cirilla, a última representante da família real, também teria morrido, é o que se acreditava. E então o imperador Emhyr não teve como estabelecer, como o senhor Reef disse sabiamente, uma autonomia simulada. Foi então que, de repente, acharam Cirilla.

– Que lendas são essas? – bufou Faísca, apoiando-se no ombro de Giselher.

– De fato – Hotsporn fez um aceno com a cabeça –, sou obrigado a admitir que parece mesmo lenda. Dizem que essa Cirilla foi presa por uma bruxa má em algum lugar no Norte distante, numa torre mágica. Mas Cirilla conseguiu fugir e pedir refúgio no império.

– É uma porra de uma mentira! Tudo conversa fiada! – berrou Ciri, estendendo as mãos trêmulas para pegar o estojo com fisstech.

– No entanto, de acordo com os boatos – continuou Hotsporn, sem se intimidar –, o imperador Emhyr, no momento em que viu Cirilla, apaixonou-se perdidamente e deseja se casar com ela.

– O falcãozinho tem razão – disse Mistle com firmeza, e acentuou a constatação batendo com o punho na mesa. – É pura conversa fiada! E não consigo entender merda nenhuma dessa porra aqui. Apenas uma coisa é certa: seria bobagem nutrir esperanças a respeito da clemência nilfgardiana com base nessa tolice.

– É isso aí! – Reef a apoiou. – Não temos nada a ver com o casamento imperial. Não importa com quem o imperador vai se casar, haverá sempre outra noiva nos esperando: a corda!

– Não se trata do pescoço de vocês, caros Ratos – lembrou Hotsporn. – Trata-se de política. Rebeliões, revoltas e levantes continuam na fronteira no Norte do império, especialmente em Cintra e nas redondezas. Se o imperador se casar com a herdeira da coroa de Cintra, então Cintra se acalmará. Haverá uma anistia solene e as companhias dos rebeldes descerão das montanhas, interromperão as lutas contra os imperiais e os prejuízos cessarão. Ah, e se a cintrense for

coroada, os rebeldes vão aderir ao exército imperial. Com certeza vocês sabem que no Norte, do outro lado do rio Yarra, a guerra continua e cada soldado vale ouro.

– Humm – Kayleigh franziu o cenho. – Agora entendi a tal anistia! Haverá escolha: aqui uma estaca bem afiada, lá a bandeira imperial. A estaca no cu ou a bandeira nas costas. E todos serão mandados para a guerra para morrer pelo império!

– Participar da guerra – disse Hotsporn devagar – nem sempre significa a mesma coisa. Pois nem todos são obrigados a lutar, caros Ratos. Existe a possibilidade, claro, depois de cumprir os requisitos da anistia – ou seja, revelar-se e confessar a culpa –, de cumprir um tipo de... serviço alternativo.

– Tipo de quê?

– Eu sei de que se trata – os dentes de Giselher brilharam no rosto bronzeado e um pouco machucado de barba recém-feita. – Filhotes, o grêmio dos mascates gostaria de nos acudir. Abraçar e cuidar de nós. Como se fosse uma mãe.

– Você quis dizer uma puta – resmungou Faísca em voz baixa.

Hotsporn fingiu que não ouviu.

– Você tem toda a razão, Giselher – disse em tom gélido. – O grêmio pode, se quiser, contratá-los. Oficialmente, para variar. E acudi-los, providenciar segurança, também oficialmente, e também para variar.

Kayleigh quis dizer algo, Mistle também, mas um olhar rápido de Giselher fez com que os dois ficassem calados.

– Diga ao grêmio, Hotsporn – disse o líder dos Ratos com frieza –, que somos gratos pela proposta. Vamos pensar, ponderar, conversar. Decidiremos que atitude tomar.

Hotsporn levantou-se.

– Vou embora.

– Agora à noite?

– Vou pernoitar na vila. Não me sinto à vontade aqui. E amanhã seguirei diretamente para a fronteira com Metinna, depois pela estrada de terra batida até Forgeham, onde ficarei até o Equinócio, ou até mais,

quem sabe. Lá esperarei por aqueles que já tomaram a decisão e que estão prontos para se revelar e aguardar a anistia sob minha proteção. Sugiro que vocês também não se demorem nessa ponderação e na tomada de decisão. Já que Bonhart é capaz de antecipar a anistia.

– Você continua nos amedrontando com esse Bonhart – disse Giselher devagar, levantando-se também. – Alguém poderia até pensar que o diabo já está esperando na esquina... E ele provavelmente deve estar distante, lá onde Judas perdeu as botas...

– Ele está em... Ciúme – Hotsporn terminou a frase com calma. – Na taberna A Cabeça da Quimera, a cerca de trinta milhas de distância daqui. Se vocês não tivessem feito aqueles zigue-zagues à beira do Velda, provavelmente teriam dado de cara com ele ontem. Mas vocês não ficam preocupados com isso, eu sei. Passe bem, Giselher. Passem bem, Ratos. Mestre Almavera? Vou a Metinna e sempre gosto de viajar acompanhado... O que foi que disse, mestre? Que sim? Foi isso o que eu pensei. Junte então seus pertences. Paguem ao mestre, Ratos, por seu esforço artístico.

•

O posto dos correios cheirava a cebola frita, a sopa de centeio e batata preparadas pela mulher do superintendente do posto, temporariamente solta. A vela sobre a mesa soltava fagulhas, faiscava, varria o ar com sua chama. Os Ratos debruçaram-se sobre a mesa para a chama aquecer suas cabeças, que quase se tocavam.

– Está em Ciúme – falou Giselher em voz baixa. – Na taberna A Cabeça da Quimera. A um dia daqui, apenas. O que acham disso?

– O mesmo que você – resmungou Kayleigh. – Vamos até lá matar o filho da puta.

– Vingaremos Valdez – disse Reef. – E Cogumelo.

– E não deixaremos – rosnou Faísca – que nenhum Hotsporn nos provoque falando sobre a fama e a imaginação alheias. Massacraremos esse Bonhart, esse zumbi, esse lobisomem. Pregaremos sua cabeça sobre a porta da taberna para que combine com o nome dela! E para que todos possam ver que não era um kharakternik, e sim apenas um

mortal como todos os outros, um mortal que foi se arriscar contra gente mais forte que ele. Dessa forma ficará comprovado qual das companhias, desde Korath até Pereplut, é a melhor!

– Entoarão canções sobre a gente nas feiras! – disse Kayleigh com impetuosidade. – Até nos castelos!

– Vamos – Asse bateu com a mão aberta contra o tampo da mesa. – Vamos matar esse filho da mãe.

– E depois – Giselher parecia pensativo – consideraremos essa anistia... No grêmio... Por que você está fazendo careta, Kayleigh, como se estivesse mastigando um percevejo? Estão nos perseguindo, chegando cada vez mais perto, e o inverno se aproxima. Minha ideia é esta, Ratinhos: passaremos o inverno aquecendo a bunda perto do fogareiro, cobertos e protegidos do frio pela anistia, tomando a cervejinha quente da anistia. Aguentaremos nessa, decentemente, e permaneceremos bem comportadinhos... até, digamos, a primavera. E na primavera... Quando a neve derreter e a grama aparecer...

Os Ratos riram em coro, baixinho, em tom ameaçador. Seus olhos fulminavam como os de verdadeiros ratos que à noite se aproximam de um humano ferido, incapaz de se defender num beco escuro.

– Bebamos à desgraça de Bonhart! – exclamou Giselher. – Tomaremos esta sopa e depois dormiremos para descansar e poder sair à luz do dia.

– Claro – bufou Faísca. – Tomem como exemplo Mistle e Falka, que estão na cama há uma hora.

Entretida com as panelas, a mulher do superintendente do posto dos correios sentiu um calafrio pelo corpo todo, ao ouvir novamente uma risada baixa, sinistra e vil vinda da mesa.

•

Ciri ergueu a cabeça e permaneceu calada por um longo momento, com o olhar fixo na chama da lâmpada, que mal flamejava, queimando o restinho do óleo.